

JEAN BODIN E JEAN DE NYNAULD: DISCURSO E IDEOLOGIA NOS TRATADOS JURÍDICOS E MÉDICOS FRANCESES DO SÉCULO XVI E XVII

*JEAN BODIN AND JEAN DE NYNAULD: DISCOURSE
AND IDEOLOGY IN FRENCH LEGAL AND MEDICAL
TREATIES 16TH AND 17TH CENTURY*

Gabriela Pereira da Silva¹

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

Resumo: O presente artigo busca realizar uma análise de como diferentes ideologias podem ser vistas dentro dos discursos, nesse caso, principalmente a religiosa, mas também ideologias médicas e jurídicas marcantes nos períodos estudados. Estas, encontradas nos tratados *De la demonomanie des sorciers* (1580), de Jean Bodin e *De la lycanthropie, transformation et extase des sorciers* (1615), de Jean de Nynauld. Para isso, utilizaremos as postulações de Michel Pêcheux e Eni Orlandi acerca da Análise de Discurso (AD) e a concepção de ideologia e distorção de Ernesto Laclau para analisar a linguagem utilizada nos tratados, a qual pode ser entendida como uma mediação entre o homem e a realidade na qual o mesmo está inserido. Torna-se importante,

Abstract: This article seeks to carry out an analysis of how different ideologies can be seen within the discourses, in this case, mainly the religious one, but also medical and legal ideologies that were important in the periods studied. These are found in the treatises *De la démonomanie des sorciers* (1580), by Jean Bodin and *De la lycanthropie, transformation et extase des sorciers* (1615), by Jean de Nynauld. For this, we will use the postulations of Michel Pêcheux and Eni Orlandi about Discourse Analysis (DA) and Ernesto Laclau's conception of ideology and distortion to analyze the language used in the treatises, which can be understood as a mediation between man and the reality in which it is inserted. It is important, in this regard, the historical context in

¹ Mestranda em História pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Graduada em História - Licenciatura pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Bolsista CAPES. Orientada por: Francisco de Paula Souza de Mendonça Júnior. E-mail: gabrielapereira09@outlook.com.

nesse quesito, o contexto histórico no qual os autores se inserem, as condições de produção das obras, as posições que ocuparam, os objetivos e a recepção dos escritos na sociedade e suas respectivas repercussões.

Palavras-chave: Análise de Discurso; Ideologia; Jean Bodin; Jean de Nynauld.

which the authors are inserted, the conditions of production of the works, the positions they occupied, the objectives and reception of the writings in society and their respective repercussions.

Keywords: Discourse Analysis; Ideology; Jean Bodin; Jean de Nynauld.

Introdução

Segundo Helena H. N. Brandão², é no discurso onde encontramos a materialização da ideologia. Partindo disso e tendo em mente que a linguagem é uma característica fundamental dos discursos ideológicos, buscamos analisar as postulações de Jean Bodin e Jean de Nynauld. Ambos os autores escreveram e publicaram suas obras na França, entre os séculos XVI e XVII. Permeados por questões demonológicas, mágicas e filosóficas, os tratados possuem diversas características centrais da época em que foram escritos, além de demonstrar as diferentes posições sobre mesmos temas, como a licantropia³, magia natural e preceitos religiosos.

Para exemplificar uma das discordâncias entre os autores, podemos tratar da transformação de homens e mulheres em lobos. Jean de Nynauld encarou a metamorfose em lobo como uma doença clínica que deturpa os sentidos de homens e mulheres e que, por isso, deve receber um tratamento terapêutico adequado. O autor foi um médico francês, do qual não possuímos, até o momento, informações sobre o ano de vida, morte e o decorrer de sua jornada. Podemos supor, a partir do ano de publicação de *De la lycanthropie, transformation et extase des sorciers*

² BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004, p. 46.

³ Nesse caso, utilizamos a definição de licantropia dos autores citados, ou seja, a possibilidade, através de diversos meios, de seres humanos se transformarem em lobo. Além disso, entendemos a metamorfose de homens em lobo como uma crença e também um discurso, devido às vivências reais e a transposição das experiências no mundo por diferentes agentes sociais. A crença não será foco de análise neste artigo, mas podemos notar a partir dela algumas discordâncias ideológicas dos autores. Para uma revisão bibliográfica sobre o tema, acessar artigo de minha autoria, A crença em lobisomens: visões acerca da metamorfose de homens em lobo, de minha autoria, presente na Revista Cadernos de Clío.

(1615)⁴, que ele tenha vivido entre o final do século XVI e parte do XVII. Diante disso, o que podemos apresentar são as ideias existentes em sua obra, a qual segue principalmente os preceitos aristotélicos e hipocráticos acerca da natureza e da medicina. Mantendo uma postura reticente a crença – comum a muitos escritores do período⁵ –, ou seja, considerando a licantropia impossível, o autor difere do pensamento humanista apresentado pelo jurista Bodin.

Jean Bodin (1529/30-1596), enxergou a licantropia como uma possibilidade, nesse caso, corpos humanos poderiam se transformar completamente em feras e para sustentar suas afirmações, apresentou diferentes casos de transformação e atribuiu tal poder às mãos de demônios e de Satã, cedido a ele pelo próprio Deus. O jurista nasceu em Angers, na França, em uma família moderadamente abastada, que o enviou para um mosteiro carmelita quando tinha por volta dos quinze anos. Depois, possivelmente frequentou a Universidade de Paris, onde teve contato com discussões intelectuais diversas e correntes filosóficas que estavam em grande circulação no período. Perto dos seus vinte anos, se voltou para o estudo do direito, primeiramente em Angers e depois em Toulouse, local onde fervilhavam ideias humanistas e no qual frequentaram grandes nomes do movimento. Na década de 1560, Bodin foi admitido como advogado pelo Parlamento de Paris e em 1570 passou a ser comissário para a reforma de posses na Normandia⁶. O autor ficou conhecido pelos seus contemporâneos principalmente após a publicação da obra *Six livres de la Republique* (1576), na qual teorizou sobre uma noção de soberania indivisível e absoluta, alertando sobre os conflitos civis que ocorriam no país nesse período e sobre a lei de Deus e da natureza que agia sobre os monarcas⁷. Para a nossa análise, utilizamos o tratado *De la demonomanie des sorciers* (1580)⁸, que foi,

⁴ *De la lycanthropie, transformation et extase des sorciers* é um tratado médico, escrito pelo doutor em medicina Jean de Nynauld e publicado pela primeira vez em 1615, em Paris. A obra conta com mais uma edição no mesmo ano e os dois editores responsáveis pelas edições são respectivamente Jean Millot e Nicolas Rousset, ambas contêm o mesmo conteúdo. Na obra, Nynauld apresentou sua visão acerca da licantropia, definindo a mesma como uma doença mental que poderia ser produzida de diversas formas, mas principalmente advinda do desequilíbrio dos humores. Dividido em oito capítulos, o médico reservou a última parte da obra para refutar os postulados de Jean Bodin acerca da metamorfose em lobo, o que torna mais interessante a análise e comparação dos discursos dos autores.

⁵ Citamos como exemplo Pietro Pomponazzi (1462-1525), Johann Wier (1515-1588), Thomas Erastus (1524-1583)

⁶ BLAIR, Ann. **The Theater of Nature. Jean Bodin and Renaissance Science**. New Jersey: Princeton University Press, 1961, p. 9.

⁷ *Ibidem*.

⁸ *De la démonomanie des sorciers*, é um tratado jurídico escrito pelo teólogo e jurista Jean Bodin que foi publicado pela primeira vez em 1580 e conta com a discussão dos mais variados temas que envolvem o campo da demonologia. A bruxaria e o envolvimento com os chamados espíritos malignos são grandes focos do jurista, que

na sua época, amplamente reimpressa, sendo traduzida para o latim, italiano e alemão. A partir das obras dos dois autores citados, buscaremos analisar as ideologias presentes na formulação desses discursos, utilizando das discussões promovidas pelos mesmos, como no caso da licantropia, para estabelecer as principais diferenças entre as posturas de Bodin e Nynauld. Nesse caso, trataremos inicialmente da Análise de Discurso de forma teórica, depois das ideologias e como as mesmas se portam e são utilizadas pelos sujeitos e como a partir desse meio podemos compreender a linguagem produzida pelos autores. Por fim, passaremos para análise dos escritores citados, encontrando em suas postulações as marcas de diferentes ideologias.

Apoiados em escritos anteriores e motivados pelas características dos seus grupos, a análise de seus escritos nos mostra o desenvolvimento de diferentes discursos ideológicos, sejam eles apoiados nas chamadas leis naturais, na religião ou nas correntes médicas do período. Sendo um jurista e um médico, seguindo as postulações de Orlandi⁹, podemos classificá-los como portadores de um discurso jurídico e terapêutico. Entretanto, uma grande marca do período é a influência do discurso religioso sobre diferentes campos do conhecimento. De tipo autoritário, encontramos no discurso religioso, segundo Althusser¹⁰ a submissão daqueles interpelados em sujeitos ao Sujeito, onde a Palavra tem grande importância, como verdade universal. O que pode limitar e interferir na produção das obras do período, como veremos adiante.

Para o desenvolvimento desta análise, aplicamos os preceitos da chamada Análise de Discurso (AD) de Michel Pêcheux, pioneiro no campo e Eni P. Orlandi, importante precursora da AD no Brasil. Nesse caso, a partir da leitura de obras dos autores citados, entendemos a linguagem como uma prática, que produz significados, classificações e divisões, impregnada de elementos ideológicos que fazem parte da estrutura do discurso, demonstrando que uma postulação não é

têm dentre os objetivos fornecer explicações e informações para que aqueles acusados dos crimes citados sejam julgados adequadamente, dentre eles encontramos os chamados licantropos. Para a nossa análise, utilizamos a edição de 1587, impressa por Jacques du Puys, devido a sua melhor digitalização e conservação, além de contar com tradução para o espanhol de Fabián Alejandro Campagne. Dividido em diversos livros, é no segundo em que encontramos o capítulo seis, *De la lycanthropie, et si les Esprits peuvent changer les hommes en bestes*, responsável pelo repúdio de Jean de Nynauld.

⁹ ORLANDI, Eni P. O discurso religioso. In: ORLANDI, Eni P. **A linguagem e o seu funcionamento: as formas do discurso**. Campinas, SP: Pontes, 1987, p. 244

¹⁰ Ibidem, p. 242.

única nem descolada de ditos anteriores. Nesse caso, é interessante ressaltar que a interpretação proposta pelos autores não é livre de determinações, existem possibilidades para o seu desenvolvimento e neste encontramos a importância da memória. Ambos os autores interpretaram o mundo de acordo com as memórias discursivas disponíveis. Sendo assim, utilizaremos do campo da AD para entender a construção do discurso dos escritores e, nessas instâncias, compreender que “não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido”¹¹.

Orlandi, no livro *Análise do discurso: princípios e procedimentos* (2012), postula dispositivos de análise, que segundo a autora,

tem como característica colocar o dito em relação ao não dito, o que o sujeito diz em um lugar com o que é dito em outro lugar, o que é dito de um modo com o que é dito de outro, procurando ouvir, naquilo que o sujeito diz, aquilo que ele não diz mas que constitui igualmente os sentidos de suas palavras.¹²

Tais dispositivos buscam uma observação atenta do discurso estudado. Os discursos, segundo a autora, também são práticas, que em conjunto com outras constituem a sociedade. Ademais, buscamos entender os processos discursivos empreendidos pelos autores, focando na ideologia e na forma pela qual os mesmos empregam diferentes significados a um mesmo objeto.

Além da *Análise de Discurso*, utilizaremos as postulações de Ernesto Laclau, principalmente a ideia de distorção vinculada aos discursos ideológicos. Movendo o olhar para os sujeitos, entendemos que os mesmos são interpelados por diferentes ideologias que, ao final, são articuladas e resultam em discursos ideológicos empreendidos por atores sociais diversos¹³. Formulando seus enunciados, os sujeitos estão intrinsecamente imbuídos de ideologia, de acordo com a comunidade e meio ao qual pertencem, buscando uma totalidade em um constante jogo de disputas de significações. Esse movimento resulta no que Laclau chama de distorção, na qual “um

¹¹ ORLANDI, Eni P. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 2012, p. 17.

¹² *Ibidem*, p. 59

¹³ MARINO, Paula Rodríguez; SHTIVELBAND, Ernesto; TERRILES, Ricardo. Ideología, discurso, subjetividad. La reconfiguración de la problemática de la hegemonía en la obra de Ernesto Laclau. **Revista de Filosofía y Teoría Política**, n. 39, 2008, pp. 3.

sentido primário se apresenta como algo diferente do que é¹⁴. Com base nas postulações descritas acima, buscamos entender as ideologias presentes nas fontes e, a partir das mesmas, contribuir para o conhecimento de uma realidade complexa.

A Ideologia dentro da Análise de Discurso

Entendemos, assim como afirma Laclau, que não existe a possibilidade de analisar a ideologia presente em um texto de forma extra discursiva. Segundo o autor¹⁵, afirmar que tal ato pode ser feito já se configura como uma “ilusão ideológica”. A linguagem utilizada nos discursos e ela enquanto tal, não é neutra, como veremos a seguir na análise dos tratados de Bodin e Nynauld. Segundo Brandão¹⁶, ela é “o lugar privilegiado de manifestação da ideologia”. Advinda do meio social, a linguagem é configurada pelas interações e disputas que permeiam a realidade de homens e mulheres, compreender a linguagem utilizada pelos autores é imprescindível.

Campo de constantes confrontos, torna-se importante um olhar atento para as condições de produção dos textos estudados. Uma análise das ideologias dominantes da época, mostra como que de forma direta, indireta, explícita ou não, os escritores são atravessados por diferentes elementos ideológicos.

Entre as hipóteses apresentadas por Althusser para as ideologias, encontramos: 1. “a ideologia representa a relação imaginária de indivíduos com suas reais condições de vida”; 2. “a ideologia tem uma existência porque existe sempre num aparelho e na sua prática ou suas práticas”; 3. “a ideologia interpela indivíduos como sujeitos”¹⁷. Em meio a essas ideias, enxergamos a relação do ser humano com as suas condições de vida, a participação em práticas dentro de aparelhos ideológicos e a interpelação e reconhecimento dos sujeitos ao se inserirem em determinadas práticas. Tais elementos, fazem com que a ideologia seja eterna, já que não haveria a possibilidade de escapar dos jogos ideológicos e do que os mesmos implicam. Nessa perspectiva, existe, segundo Laclau, “um não-reconhecimento

¹⁴ LACLAU, Ernesto. Muerte y resurrección de la teoría de la ideología In: **Los Fundamentos Retóricos de la Sociedad**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2014, p. 26, tradução nossa.

¹⁵ Ibidem, p. 24.

¹⁶ BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004, p. 11.

¹⁷ Ibidem, p. 24-26.

necessário, independente de qualquer tipo de configuração social"¹⁸, da estrutura social na qual o indivíduo está inserido, produzida por sistemas simbólicos.

Nesse campo, encontramos as distorções, elemento importante para o autor e que pode contribuir para uma análise mais profunda dos tratados estudados. Segundo Laclau¹⁹, a distorção é constitutiva da objetividade social e para ela determinados elementos se fazem necessários: a distorção de um sentido primário e que tal operação se torne visível por algum meio. Ou seja, é pela mediação discursiva que elementos como "originalidade" e "internalidade dos efeitos" são subvertidos. Além disso, encontramos uma ocultação implicada nesse processo, em que se idealiza em determinada identidade a dimensão de fechamento de determinado elemento. Nesse caso, a distorção ideológica projeta sobre diferentes objetos uma impossibilidade de plenitude da comunidade, já que seu alcance nunca ocorrerá. Para compreender a configuração das distorções, nos cabe entender as colocações de encarnação e deformação postuladas pelo autor. No caso das representações ideológicas, entendemos deformação como a busca por tornar um conteúdo/objeto equivalente a outro e, no caso da encarnação, como o uso de "um objeto diferente de si mesmo como meio de representação"²⁰. Segundo Laclau, tal jogo se encontra dentro de todos os processos ideológicos. Todos os apontamentos feitos pelo autor e a alegação de vivermos em constante contato com níveis diferentes de distorções, de uma forma ou de outra, "nos garante que continuaremos a viver num universo ideológico"²¹.

Em semelhante postulação, Michel Pêcheux afirma que "todo processo discursivo se inscreve numa relação ideológica"²², frisando as relações de diferentes classes. Para o autor, os aparelhos ideológicos do Estado, tratados por Althusser, são o local onde a ideologia da classe dominante realiza sua atuação, através de diferentes práticas que constituem uma ideologia. Frisando que nem todas as ideologias se manifestam de maneira igualitária, Pêcheux cita que as mesmas podem se desmembrar em regiões, dentre elas "Deus, a moral, a lei, a justiça, a família, o

¹⁸ LACLAU, Ernesto. Muerte y resurrección de la teoría de la ideología In: **Los Fundamentos Retóricos de la Sociedad**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2014, p. 25, tradução nossa.

¹⁹ Ibidem, p. 26.

²⁰ Ibidem, p. 30, tradução nossa.

²¹ Ibidem, p. 50.

²² PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso. Uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução Eni Pulcinelli Orlandi. 3 ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP. 1997, p. 92.

saber, etc.”²³. As quais exercem umas sobre as outras relações de desigualdade e insubordinação, resultando na luta ideológica de classes.

Nesse ponto, nos cabe apresentar uma diferenciação feita pelo autor, entre “as ideologias” e “a Ideologia”. Segundo Pêcheux²⁴, as diversas ideologias são constituídas por histórias próprias, o que não é o caso da Ideologia no geral, apresentando-se de forma imutável no decorrer da história. Como já tratamos, as ideologias agem de forma concreta, por meio de diferentes práticas em que atuam os sujeitos. Essa movimentação se dá a partir da interpelação do indivíduo em sujeito, seja pela submissão do mesmo através de sua ignorância, seja pela apreensão advinda da “agudeza de espírito”. O sujeito ideológico é então aquele vinculado a alguma norma identificadora, que o caracteriza junto aos demais do seu grupo. Nesse caso, encontramos uma diversidade de regras/deveres que devem ser desempenhadas por aqueles que estão inseridos naquele meio. Como trata Pêcheux, a ideologia dispõe de elementos que “todo mundo sabe”, caracterizando assim palavras e enunciados de acordo com os conteúdos ideológicos.

Ou seja, os sentidos de diferentes expressões e palavras não existem de forma pré-concebida e estática, são definidos de acordo com as posições ideológicas que são aplicadas durante as lutas de classificações e denominações. Por isso, uma mesma palavra pode receber significados diferentes. Dentro das imposições e implicações derivadas das ideologias, encontramos o que Pêcheux chama de formação discursiva, que limita o que pode ou não ser dito pelos sujeitos, a partir da formação ideológica estabelecida. No caso dos discursos, “a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação do sujeito com a formação discursiva que o domina”²⁵. A mesma fornece/impõe sentidos a realidade dos sujeitos a partir da universalidade, que como vimos anteriormente com Laclau, passa por uma constante de impossibilidade e tentativa, parte ativa das ideologias. Pêcheux também trabalha com concepções parecidas com as de Laclau, no âmbito da encarnação e deformação. O escritor da Análise de Discurso utiliza noções de equivalência e implicação. No primeiro, encontramos uma substituição de palavras/expressões que possuem um mesmo sentido em determinada formação

²³ Ibidem, p. 146.

²⁴ Ibidem, p. 151.

²⁵ Ibidem, p. 163.

discursiva. Já no segundo, a substituição é orientada e os elementos não possuem um mesmo significado.

Por fim, nos cabe salientar que encontramos nesses discursos ideológicos o chamado intradiscurso, definido por Pêcheux como “o que eu digo agora, com relação ao que eu disse antes e ao que direi depois”²⁶, conecta-se também com os discursos postulados por seus semelhantes, seja de tempos anteriores ou contemporâneos ao sujeito em questão. Ou seja, torna-se importante uma análise das condições de produção e possíveis interferências externas – o chamado interdiscurso, uma memória discursiva de sentidos que já foram ditos anteriormente e que podem reaparecer sendo utilizados com significados diferentes ou semelhantes²⁷ – que circundam as obras estudadas, atentando-se para o fato de que o discurso não é uma produção individual, nem está sob controle daquele que o enuncia, já que pode ser utilizado de diferentes maneiras por outros, seja por seus pares ou adeptos de ideologias conflitantes. Tais elementos podem ser vistos na ideologia religiosa, a qual foi analisada por Orlandi (1987) em estudo do discurso religioso e que também adentra os tratados estudados.

Os casos de Jean Bodin e Jean Nynauld

Voltando-se para a ideologia presente no discurso religioso, Orlandi²⁸ trata do mesmo como possuindo um caráter autoritário, diferente dos discursos lúdico e polêmico, onde encontramos uma disputa/interação entre locutores. No discurso religioso, o agente coloca-se como exclusivo, buscando frear a polissemia – multiplicidade de sentidos – que se faz presente em todos os discursos, como visto acima. Assunto que também é tratado por Althusser²⁹, onde o mesmo afirma que, posto como único e insubstituível, o sujeito no meio religioso é assujeitado ao Sujeito, Deus.

Além do discurso religioso, Orlandi elenca outros tipos de discursos que são válidos para a nossa análise, sendo eles o discurso jurídico, político e o terapêutico, os quais podem ser encontrados nos tratados de Jean Bodin e Jean de Nynauld.

²⁶ Ibidem, p. 166.

²⁷ ORLANDI, Eni P. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 2012, p. 59.

²⁸ ORLANDI, Eni P. O discurso religioso. In: ORLANDI, Eni P. **A linguagem e o seu funcionamento: as formas do discurso**. Campinas, SP: Pontes, 1987, p. 240.

²⁹ PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso. Uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução Eni Pulcinelli Orlandi. 3 ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP. 1997, p. 171.

Segundo a autora, os padres, juristas, médicos e outros sujeitos se apropriam dos discursos ideológicos, tornando-se representantes das disciplinas e instituições. No caso da religião cristã, “a voz do padre é a voz de Deus”³⁰. Os sujeitos podem, com exceção dos discursos autoritários, interpretar de diferentes formas e se apropriar das palavras, entretanto, sempre existe certo limite que não deve ser ultrapassado. Ou seja, o livre arbítrio pregado pela religião, por exemplo, é contraditório, já que os sujeitos estão sob coerção e limitados às práticas e formação discursiva do seu grupo. Todavia, existem certas margens de manobra.

Cabe ressaltar, que diferentes discursos podem conter elementos semelhantes, utilizando de traços ideológicos comuns, mas divergindo em determinados pontos³¹. Elemento que pode ser visto nos tratados que analisamos. Ambos os autores se localizam em um contexto semelhante, a França dos séculos XVI e XVII, permeada por disputas filosóficas, jurídicas, mágicas, demonológicas e religiosas que podem ser visualizadas em maior ou menor medida nas produções da época. Elemento que pode ser notado no caso de Jean Bodin, quando o mesmo se colocou contra alguns preceitos da corrente escolástica³² e de outros autores, buscando

(...) demonstrar a partir da filosofia princípios religiosos fundamentais: que o mundo não é eterno (contra Aristóteles), e, contra os epicuristas, Averróis e, mais recentemente o aristotélico italiano Pomponazzi, que a alma pessoal é imortal (e, ele mostra no processo, corpórea).³³

O jurista é denominado por Fabián Alejandro Campagne³⁴ como um teórico que se apoiou em diversas correntes diferentes, dentre elas o monismo³⁵ e o neoplatonismo³⁶, enquanto criticou outras. Entretanto, Bodin também utilizou

³⁰ ORLANDI, Eni P. O discurso religioso. In: ORLANDI, Eni P. **A linguagem e o seu funcionamento: as formas do discurso**. Campinas, SP: Pontes, 1987, p. 244.

³¹ Ibidem, p. 260.

³² Concordamos Ricardo Pinilla (2015, p. 541) na seguinte definição da corrente escolástica “*conciliación de la fe y la verdad revelada en las Sagradas Escrituras con la razón, no dudó en entrar en diálogo en diversas etapas con lo más granado de la filosofía griega, de los pensadores y retóricos romanos, y también de los sabios judíos y árabes*”. A corrente teve grandes inspirações nos escritos creditados a Aristóteles - alvo de diversas críticas de Jean Bodin - e Tomás de Aquino foi o principal representante escolástico.

³³ BLAIR, Ann. **The Theater of Nature. Jean Bodin and Renaissance Science**. New Jersey: Princeton University Press, 1961, p. 6-7, tradução nossa.

³⁴ CAMPAGNE, Fabián Alejandro. **Bodin y Maldonado: la demonología como fenómeno de masas en la Francia de las Guerras de Religión**. Buenos Aires: Biblos, 2018, p. 353.

³⁵ Ideia de que o universo é regido por um princípio único.

³⁶ Corrente a qual pertenceram diversas doutrinas inspiradas em Platão. No renascimento, a corrente tornou-se conhecida devido a tradução produzida por Marsilio Ficino, chamada *Platonis Opera Omnia* (1484), um dos

elementos de correntes as quais criticava. Por exemplo, quando mesmo o autor tecendo diversas críticas ao aristotelismo, não minou a estrutura da disciplina, o que é muito comum entre seus contemporâneos³⁷. Tal como quanto concordou com Aristóteles acerca do absurdo que é considerar que as causas inferiores podem ditar as superiores³⁸. Ou seja, durante as disputas de classificação do mundo, nas quais os sujeitos se apropriam de diferentes correntes, Bodin utilizou em grande medida a ideologia religiosa e discursos de correntes filosóficas diversas.

Nesse caso, é importante salientar que Bodin fez parte da ordem dos Carmelitas, o que pode justificar alguns de seus ideais, principalmente sua preocupação com a piedade e moral. Segundo Howell A. Lloyd³⁹, a ordem enfatizou a luta pela pureza de coração e uma espiritualidade intensa, buscando uma experiência de iluminação. Bodin acabou deixando a ordem e partiu em 1550 para Toulouse, visando o estudo do direito, entretanto, elementos da ordem ainda podem ser encontrados em seus escritos, principalmente quando o autor buscou utilizar seu tratado para conter uma crescente onda de impiedade que ocorria na França, a partir da adoração ao Criador⁴⁰. Além disso, o jurista encontrava-se em um meio humanista, tendo contato com o movimento principalmente em Toulouse, local onde inúmeras correntes intelectuais se fizeram presentes. Entretanto, nos cabe frisar que no local citado também encontramos uma oposição a esse meio, onde regentes, médicos, advogados, inquisidores e outros sujeitos que “deviam sua posição a convenções sociais e intelectuais arraigadas, incluindo o domínio de modos de aprendizagem”⁴¹, buscaram manter suas posições.

Nesse caso, podemos notar as influências e o caráter humanista de Bodin quando o mesmo utilizou em larga escala de fontes e traduções de obras gregas e romanas, apresentou uma grande preocupação com a educação e com o andamento

objetivos do autor era estabelecer ligações entre a fé cristã e a filosofia platônica para gerar uma alternativa às outras filosofias do período (HANEGRRAFF, 2006, p. 841).

³⁷ BLAIR, Ann. **The Theater of Nature. Jean Bodin and Renaissance Science**. New Jersey: Princeton University Press, 1961, p. 29.

³⁸ Ibidem, p. 128.

³⁹ LLOYD, Howell A. **Jean Bodin 'This pre-eminent man of France'**. An intellectual Biography. UK: Oxford University Press, 2017, p. 5.

⁴⁰ BLAIR, Ann. **The Theater of Nature. Jean Bodin and Renaissance Science**. New Jersey: Princeton University Press, 1961, p. 3.

⁴¹ LLOYD, Howell A. **Jean Bodin 'This pre-eminent man of France'**. An intellectual Biography. UK: Oxford University Press, 2017, p. 21, tradução nossa.

e ordem da República. Seguindo os postulados de Ramus⁴², embora a educação desempenhasse um propósito moral e espiritual, ela também proporcionava artifícios para carreiras prósperas, como na medicina, direito, teologia e outros. Além disso, desempenhava um papel muito importante na promoção de uma cidadania ativa e responsável, grande preocupação de Bodin, que buscava restabelecer a ordem e harmonia em um local permeado por guerras, principalmente as religiosas⁴³. Segundo Ann Blair, o medo da irreligião e do vício estava presente nos escritos de diversos autores. Além disso, para Bodin, “Os quatro pecados de arrogância, blasfêmia, idolatria e superstição são manifestações do mesmo orgulho humano e falta de vontade de reconhecer a transcendência de Deus”⁴⁴, eram uma das causas da desordem vivida por ele e seus contemporâneos. Eles constituem a impiedade tão criticada pelo jurista e resultariam nos confrontos e guerras pelas quais a França estava passando, como uma punição divina.

Ambos os autores citaram as Escrituras, principalmente para glorificar as obras de Deus e seus eleitos. No caso de Jean de Nynauld, por exemplo, quando o médico apresenta tudo aquilo que é impossível para o diabo

Deste poder nosso Senhor Jesus Cristo fez menção, quando disse que Deus era capaz de levantar filhos das pedras a Abraão; quais coisas com um milhão de outras são impossíveis ao Diabo, de acordo com as Escrituras, e o consenso comum dos teólogos: pois ele não pode dar a menor virtude ou propriedade a qualquer coisa: ainda menos ele pode fazer algo do nada; nem poderia transmutar um corpo em sal, como Deus transmutou a esposa de Ló: Ele não pode verdadeiramente transmutar varas em dragões, nem água em sangue, nem engendrar rãs, nem transmutar o pó da terra em piolhos, nem rasgar o mar para passar pelas ondas, nem tornar doce a água salgada, ou trazê-la para fora tocando contra a pedra; Todas as coisas, no entanto, foram feitas por Moisés: Ele também não pode magnificar coisas pequenas, como geralmente vemos acontecer com sementes e outras coisas criadas por Deus: Ele não pode devolver a vista aos cegos, ressuscitar os mortos, transformar água em vinho por sua virtude, dar vida a qualquer coisa, como o punho nosso Senhor Jesus Cristo.⁴⁵

⁴² Petrus Ramus (1515-1572), humanista e reformador educacional francês.

⁴³ LLOYD, Howell A. **Jean Bodin 'This pre-eminent man of France'**. An Intellectual Biography. UK: Oxford University Press, 2017, p. 38.

⁴⁴ BLAIR, Ann. **The Theater of Nature. Jean Bodin and Renaissance Science**. New Jersey: Princeton University Press, 1961, p. 151, tradução nossa.

⁴⁵ Jean de NYNAULD. **De la lycanthropie, transformation et extase des sorciers**. 1615, p. 8-9, tradução nossa.

E Bodin quando, seguindo o mesmo caminho de Nynauld, discorre sobre como as Escrituras alertam sobre os elementos falsos produzidos por Satã. Segundo o autor, “[...] a Escritura fala, [...] como o espírito mau deseja falsificar as maravilhas de Deus, e fazer compreender que ele conhecia as coisas futuras”⁴⁶.

Nesse caso, Orlandi⁴⁷ aponta que a Palavra possui um poder extremamente marcante dentro do discurso religioso, atestando um poder através da linguagem e da ação que nela pode ser encontrada. Por esse motivo, o discurso religioso possui um traço diferente dos demais, já que no discurso jurídico, por exemplo, encontramos a apropriação da fala pelo juiz e o próprio exerce o saber e a justiça. No caso da religião, o padre é apenas um porta-voz, um representante para fins maiores, os quais já estão dados e não podem ou devem ser modificados, não existe a apropriação.

Tal elemento pode ser notado nos tratados de ambos os autores, onde mesmo que eles utilizem de discursos religiosos e busquem debater sobre os mesmos, existem certos limites que não devem ser ultrapassados, principalmente aqueles que podem questionar a validade ou veracidade das Escrituras. Como quando Nynauld discorreu sobre feitos extraordinários, negando a possibilidade que os mesmos ocorram na realidade. Entretanto, quando a análise passa para os milagres, o autor aceitou-os, mesmo que o seu discurso médico buscasse explicar tudo a partir da natureza. Segundo ele

Além disso, não quero negar que Deus por si mesmo e seus servos fizeram muitos milagres, e que espíritos malignos e mágicos ele enfrentou, ou permitiu que enfrentassem, e fez muitas coisas admiráveis e maravilhosas em sua honra e para a salvação dos bons e a cegueira dos réprobos, e não o contrário.⁴⁸

Ou seja, assim como vimos anteriormente em Laclau, mesmo que os sujeitos encontrem maneiras de apreender as ideologias, eles não deixam de ser sujeitos das mesmas, submetidos a forças maiores. Caso o contrário, podem ser considerados uma ameaça, transgressores ou heréticos, terminação muito utilizada no período estudado. A utilização de elementos religiosos, principalmente ligados às Escrituras,

⁴⁶ Jean BODIN. *De la démonomanie des sorciers*. 1587, p. 15, tradução nossa.

⁴⁷ ORLANDI, Eni P. O discurso religioso. In: ORLANDI, Eni P. *A linguagem e o seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas, SP: Pontes, 1987, p. 252.

⁴⁸ Jean de NYNAULD. *De la lycanthropie, transformation et extase des sorciers*. 1615, p. 78, tradução nossa.

também pode servir como uma forma de colocar mais autoridade e validade aos textos, já que é um elemento importante na Idade Moderna.

No caso de Bodin, o autor buscou não definir especificamente a doutrina a qual ele estava ligado, utilizando em seus escritos princípios fundamentais que são universais, como a onipotência divina, a providência e a justiça promovida por Deus. Na opinião de Blair, a posição tomada por Bodin, além de um ato de proteção, também se deu devido a indiferença do jurista frente a certas questões teológicas que eram debatidas no período, as quais deveriam resolver problemas propostos, mas acabavam gerando mais atritos. Sobre as discussões entre protestantes e católicos, para Bodin “havia apenas uma religião verdadeira, em defesa da qual ele criticava bruxas, magos naturais, filósofos naturais arrogantes e os “ímpios” em geral”⁴⁹. Além disso, acreditava que a posição moral de toda a comunidade era crucial para uma boa vida de todos.

Entretanto, o autor acabou por ceder a algumas obrigações colocadas pelo contexto em que vivia. Como por exemplo, quando o Tribunal de Paris decretou que seus membros deveriam reafirmar sua ortodoxia religiosa ou seriam retirados de seus cargos. Nesse caso, segundo Lloyd, “Entre os nomes de 402 advogados em todos os que fizeram o juramento necessário, o nome de ‘Jehan Bodin’ ocorre duas vezes como tendo feito a profissão de fé no dia designado”⁵⁰. Mesmo sofrendo essas pressões, Bodin buscou em seus escritos bases para promover uma estabilidade através das diferenças doutrinárias, – por exemplo, quando utiliza princípios fundamentais – como uma solução para as guerras que perpassam seus séculos de vida⁵¹. Também podemos perceber que o discurso ideológico dos autores, baseado nos preceitos cristãos, pode ser encontrado em muitas outras obras do período⁵², o que nos mostra um tom já citado por Orlandi, onde “para os que crêem, o discurso religioso é uma promessa, para os que não crêem é uma ameaça”⁵³.

⁴⁹ BLAIR, Ann. **The Theater of Nature. Jean Bodin and Renaissance Science**. New Jersey: Princeton University Press, 1961, p. 146-7, tradução nossa.

⁵⁰ LLOYD, Howell A. **Jean Bodin ‘This pre-eminent man of France’**. An intellectual Biography. UK: Oxford University Press, 2017, p. 53, tradução nossa.

⁵¹ BLAIR, Ann. **The Theater of Nature. Jean Bodin and Renaissance Science**. New Jersey: Princeton University Press, 1961, p. 12.

⁵² Citamos como exemplo Pietro Pomponazzi (1462-1525), Johann Wier (1515-1588), Thomas Erastus (1524-1583), Jean Bodin (1530-1596), Giambattista della Porta (?-1615), e outros.

⁵³ ORLANDI, Eni P. O discurso religioso. In: ORLANDI, Eni P. **A linguagem e o seu funcionamento: as formas do discurso**. Campinas, SP: Pontes, 1987, p. 250.

Seguindo a explanação, no caso de Bodin e Nynauld, encontramos duas visões acerca daqueles que são os outros, denominados por eles como ignorantes. Dentre os objetivos do jurista, encontramos a “decisão de passar rapidamente pelas impiedades que são cometidas em cada caso, não prejudicamos os ignorantes, que devem ser advertidos para se precaver de tais perigos”⁵⁴. Para o autor, as metamorfoses e mais especificamente a licantropia, poderiam ocorrer devido ao poder cedido por Deus aos demônios e ao Satã e nesse caso, seriam ignorantes aqueles que sabendo que tais coisas pudessem acontecer, não buscassem um meio de evitá-las. Outro elemento importante é que Deus usaria dos demônios e de Satã para realizar ações por Ele pretendidas, ou seja, até mesmo as transformações em lobo eram planejadas pelo próprio Criador. Ou seja, para o jurista, Deus atuava constantemente na natureza e nos assuntos dos seres humanos, como forma de punir e recompensar os indivíduos de acordo com suas ações. Pensar que seriam os demônios e Satã que arquitetavam e realizavam tais feitos seria um tipo de idolatria, como solução, Bodin sugeriu a obediência dos súditos, a erradicação da feitiçaria e o reconhecimento universal dos princípios da onipotência divina, providência e justiça⁵⁵.

Além disso, o jurista criticou aqueles que por incredulidade não acreditavam nos diversos relatos de licantropia. Nesse caso, Nynauld é representante daqueles que consideraram a licantropia uma ilusão no campo médico. Bodin tratou da medicina como sendo o estudo do corpo humano⁵⁶, já a física, segundo o autor, seria o estudo do corpo físico⁵⁷. Fazendo tais distinções, para o jurista, os princípios da física seriam mais certos do que os da medicina. A postura adotada pelo autor demonstra certa disputa entre as disciplinas e a busca pela autoridade de classificação e explicação do mundo. Sendo assim, o jurista, utilizando da física para explicar tais eventos, estaria mais correto do que os médicos que buscavam explicá-los de outra forma. Segundo Bodin,

⁵⁴ CAMPAGNE, Fabián Alejandro. **Bodin y Maldonado: la demonología como fenómeno de masas en la Francia de las Guerras de Religión**. Buenos Aires: Biblos, 2018, p. 397, tradução nossa.

⁵⁵ BLAIR, Ann. **The Theater of Nature. Jean Bodin and Renaissance Science**. New Jersey: Princeton University Press, 1961, p. 12.

⁵⁶ Bodin não explica de forma clara essa divisão, para ele o corpo humano estaria sujeito a justiça divina constantemente, devido ao livre arbítrio. Entretanto, isso não explica o motivo da medicina ser responsável por este estudo (BLAIR, 1961, p. 46).

⁵⁷ “Assim, o sujeito da física é o corpo físico; não é a natureza, nem a matéria, nem a substância, para que não façamos das substâncias incorpóreas e corpóreas o assunto da mesma ciência, que não pode ser admitida sem confundir as coisas naturais e divinas” (BLAIR, 1961, p. 43, tradução nossa).

Muitos médicos, diante de uma coisa tão estranha cuja razão desconhecem, e para que não pareça que [há algo que] ignoram, disseram e deixaram por escrito que a licantropia é uma doença de homens doentes que pensam que são lobos e que saem para correr pela mata. (...) É muito ridículo medir as coisas naturais com as sobrenaturais ou comparar as ações dos animais com as dos espíritos e demônios. É ainda mais absurdo atribuir uma doença à pessoa do licantropo e não a quem os vê transformar de homens em bestas e depois recuperar sua figura original.⁵⁸

Assunto que merece maior desenvolvimento em pesquisas posteriores.

Já o médico configurou o conteúdo da sua obra como “Na qual os truques do Diabo são tão óbvios que é quase impossível, mesmo para os mais ignorantes, serem seduzidos de antemão”⁵⁹. Novamente, seriam ignorantes aqueles que se deixassem ser seduzidos pelo diabo, mesmo após terem conhecimento dos seus atos. Além disso, aqueles que fossem adeptos à bruxaria, segundo Bodin e Nynauld, deveriam ser perseguidos e julgados por tal crime, assim como defendeu a Igreja Católica. Ou seja, encontramos um processo de exclusão, onde aqueles que não compartilhassem de uma mesma ideologia, ou melhor, não se submetessem a determinados discursos, passariam a não pertencer à comunidade ou, deveriam tornar-se submissos a tal discurso a qualquer custo. Novamente é visível que tanto o discurso médico quanto o jurídico promovido pelos autores, são extremamente influenciados pela ideologia religiosa do período. O que é compreensível quando pensamos no período estudado, já que a Igreja Católica desempenhava um grande papel na sociedade. No caso das profissões, também é interessante lembrar que no início dos cursos de medicina grande parte dos estudantes eram religiosos, ou seja, os campos se entrelaçavam, já que conhecer o corpo humano era também conhecer a Deus e sua criação. A presença da ideologia religiosa no discurso de Bodin vem de antes da sua atuação como jurista, já que como vimos, antes de atuar no direito ele formou-se como teólogo.

Em outro ponto, notamos que o discurso de Bodin, em determinados momentos, desconsiderou os limites impostos pela ideologia cristã do período, como quando afirmou que Deus daria poder ao inimigo da cristandade. Ou quando

⁵⁸ CAMPAGNE, Fabián Alejandro. **Bodin y Maldonado: la demonología como fenómeno de masas en la Francia de las Guerras de Religión**. Buenos Aires: Biblos, 2018, p. 477, tradução nossa.

⁵⁹ Jean de NYNAULD. **De la lycanthropie, transformation et extase des sorciers**. 1615, p. 1.

elaborou sua teoria da alma intelectual, que foi expurgada pelas autoridades católicas no contexto da Contra Reforma⁶⁰. O autor teve grande preocupação com o futuro da França e como a bruxaria poderia de alguma forma destruir as ordens já estabelecidas. Além disso, ele buscou, assim como outros humanistas do período, reiterar “como a justiça enquanto justiça era informada pela razão e, portanto, pela lei da natureza em conjunto com a vontade de Deus”⁶¹. Elemento que não se distancia das teologias naturais, por exemplo, que “[...] enfatizam o arranjo providencial da natureza em seu curso normal e cumpridor da lei”⁶². Ou seja, o autor moveu-se dentro de determinados limites e quando os ultrapassou, foi repreendido pelas autoridades, mesmo que grande parte dos seus posicionamentos exaltassem o poder e a onipotência divina, demonstrando como a ideologia dominante atuou.

Nynauld considerou o jurista um ignorante⁶³, já que para o médico a licantropia não passa de um quadro clínico, que deve ser tratado de forma terapêutica e que Deus jamais daria a Satã ou qualquer outro ser demoníaco o poder de realizar tais monstruosidades. Segundo ele

(...) ele, e os seus seguidores, estando mal-informados tanto na fé cristã como na filosofia natural, não podem admitir que isto seja ilusório, mas sendo demasiado crédulos, assumem que tal transformação é realmente feita pelo Diabo, pressionados novamente pela impotência do Diabo, recorrem à permissão de Deus, pela qual descubrem cada vez mais a sua ignorância.⁶⁴

Além disso, sua posição se estendeu a tudo que a população em geral atribuiu aos demônios, que para ele seriam meras ilusões, fruto da ignorância. Como vimos, essa postura foi de forma geral criticada por Bodin. Movimentação que demonstra as disputas entre diferentes discursos e ideologias. Nesse caso, é interessante notar que a crítica de Bodin não atingiu somente os médicos, mas também outros indivíduos céticos, dentre eles os próprios juristas, que no momento de julgar aqueles acusados

⁶⁰ BLAIR, Ann. **The Theater of Nature. Jean Bodin and Renaissance Science**. New Jersey: Princeton University Press, 1961, p. 142.

⁶¹LLOYD, Howell A. **Jean Bodin ‘This pre-eminent man of France’**. An intellectual Biography. UK: Oxford University Press, 2017, p. 55, tradução nossa.

⁶² BLAIR, Ann. **The Theater of Nature. Jean Bodin and Renaissance Science**. New Jersey: Princeton University Press, 1961, p. 18, tradução nossa.

⁶³ Como podemos ver, Nynauld dirige uma crítica direta a Bodin, entretanto, cabe frisar que não encontramos uma discussão entre os autores durante o decorrer da vida do jurista, o ataque do médico é feito após a morte do jurista.

⁶⁴ Jean de NYNAULD. **De la lycanthropie, transformation et extase des sorciers**. 1615, p. 83.

de licantropia ou envolvimento com os demônios, consideravam os réus ignorantes, desequilibrados, entre outros. Por isso, Jonathan L. Pearl⁶⁵ defende que, no caso da França, dezenas de obras demonológicas foram dirigidas aos incrédulos da elite, para convencê-los dos perigos do envolvimento com a bruxaria.

Além disso, aqueles que tratavam de assuntos demonológicos não costumavam adotar posturas extremas, expressando visões que são amplamente difundidas nos contextos em que viviam, já que demônios e Satã tinham parte importante na religião cristã. Ou seja, questionar esses elementos era também “questionar a crença no céu e no inferno e, de fato, na doutrina crucial da imortalidade da alma”⁶⁶. Quem o fazia, corria o risco de ser considerado herege, sujeito a perseguição e julgamento.

Em contraste, os livros daqueles que assumiram posturas comuns ao discurso e ideologia cristã, foram produzidos principalmente por clérigos e leigos que buscavam defender a ortodoxia católica e fornecer artifícios para a luta contra as artimanhas do diabo. Por isso, buscavam a “[...] definição de uma posição ortodoxa correta que sustentasse as doutrinas centrais da fé católica e que capacitasse os pregadores a ensinar seus rebanhos e os juízes a punir aqueles que transgredissem”⁶⁷. Elemento que pode ser encontrado na escrita de Bodin. Posição também adotada por Pierre de Lancre (1553-1631)⁶⁸, também jurista, o qual afirmou que não é necessário empregar tudo aos demônios, como fazem os platônicos, mas é necessário ser cristão e seguir aquilo que está nas Sagradas Escrituras. Alinhando os ideais de sua profissão aos preceitos da Igreja Católica. Para ele, o ceticismo entre as classes eruditas era muito mais perigoso do que a credulidade popular. Para Pierre Crespet⁶⁹, que também tocou no tema dos juristas céticos e foi influenciado por Bodin, a incredulidade dos mesmos fazia com que hereges, bruxas e malfeitores fossem bem-vindos na França, prejudicando a vida de pessoas boas, que seriam afetadas por meio das artes do mal.

⁶⁵ PEARL, Jonathan L. - French Catholic Demonologists and Their Enemies in the Late Sixteenth and Early Seventeenth Centuries. **Church History**, Vol. 52, No. 4, Dez., 1983, pp. 457.

⁶⁶ Ibidem, p. 462, tradução nossa.

⁶⁷ Ibidem, p. 459, tradução nossa.

⁶⁸ Ibidem, p. 461.

⁶⁹ Ibidem, p. 464.

Segundo Laclau⁷⁰, a ideologia se faz presente sempre que algo é apresentado mais do que ele de fato é. Além do que já tratamos acima, podemos notar a ideologia presente no discurso dos autores quando ambos dirigem-se à questão feminina. Para Nynauld, seriam as mulheres as mais afetadas pelas mudanças dos humores, que causariam a impressão de transformação em lobo. Nesse caso, por serem mais frágeis e inconstantes, suscetíveis a quaisquer interferências demoníacas ou tentação diabólica. Segundo ele, isso aconteceria principalmente com as “velhas, por causa da imbecilidade do calor natural”⁷¹.

Já no caso de Bodin⁷², as bruxas, aquelas que realizam pactos satânicos e provocavam diversas coisas horríveis, nunca poderiam ser boas súditas ou cidadãs, ou seja, nunca seriam subordinadas ao Estado, nem a ideologia cristã, e por isso seriam uma grande ameaça. Além disso, eram as mais suscetíveis aos ataques demoníacos, para o autor

Também lemos que os maus espíritos de outrora enganavam, como ainda hoje o fazem, em dois tipos, um abertamente, com pactos expressos, em que quase só os mais pesados, e as mulheres, eram levados: o outro tipo era enganar os homens virtuosos, e bem-nascidos, por idolatria, e sob o véu da religião, para que Satã se fizesse adorado, e para desviar os homens da adoração de um verdadeiro Deus.⁷³

Ou seja, podemos perceber, a partir das postulações dos autores, como as mulheres eram vistas e tratadas a partir, principalmente, da ideologia religiosa, que implica ao feminino uma inferioridade que é inerente às mesmas⁷⁴. Segundo Pearl⁷⁵ tal visão foi comum a diversos escritos que trataram do tema da demonologia, onde as mulheres seriam portadoras de uma credulidade cega – que era empregada a população em geral, mas no caso das mulheres era mais preocupante –, que poderia levar a consequências perigosas. Dentre aqueles que tratam do tema, podemos citar os

⁷⁰ LACLAU, Ernesto. Muerte y resurrección de la teoría de la ideología In: **Los Fundamentos Retóricos de la Sociedad**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2014, p. 29.

⁷¹ Jean de NYNAULD. **De la lycanthropie, transformation et extase des sorciers**. 1615, p. 18, tradução nossa.

⁷² CAMPAGNE, Fabián Alejandro. **Bodin y Maldonado: la demonología como fenómeno de masas en la Francia de las Guerras de Religión**. Buenos Aires: Biblos, 2018, p. 381.

⁷³ Jean BODIN. **De la démonomanie des sorciers**. 1587, p. 16, tradução nossa.

⁷⁴ HESPANHA, António Manuel. **Imbecillitas. As bem-aventuranças da inferioridade nas sociedades de Antigo Regime**. São Paulo: Annablume, 2010, p. 101-2.

⁷⁵ PEARL, Jonathan L. - French Catholic Demonologists and Their Enemies in the Late Sixteenth and Early Seventeenth Centuries. **Church History**, Vol. 52, No. 4, Dez., 1983, pp. 459.

(...) escritores, homens eruditos típicos de seu tempo, concordavam que as mulheres eram mais facilmente levadas à superstição do que os homens. Sebastien Michaelis afirmou que "as mulheres são fáceis de todas as persuasões por causa da simplicidade natural de seu sexo", e isso as levou a serem facilmente enganadas pelo diabo. De acordo com Valderama, um jesuíta espanhol cuja obra foi traduzida para o francês em 1619, as mulheres eram mais facilmente enganadas porque eram "mais fracas, mais curiosas e mais ignorantes do que os homens".⁷⁶

Ademais, podemos perceber a influência da ideologia cristã na forma como os escritores do período se portaram frente aos milagres, como já vimos no caso de Nynauld. Autores como Thomas Erastus⁷⁷ e Pietro Pomponazzi⁷⁸ também se colocaram contra a possibilidade de produção de feitos extraordinários e rituais supersticiosos, que para eles eram apenas ilusões. Entretanto, ambos aceitaram os milagres produzidos por Deus e seus eleitos, mesmo que tenham se demonstrado céticos acerca do assunto. Por fim, nos cabe lembrar que o discurso empreendido pelos autores não é único, ambos seguiram discursos semelhantes aos seus, como de Aristóteles, no caso de Nynauld, e Santo Agostinho, no de Bodin e também de contemporâneos a eles. Reafirmando aquilo já tratado por Orlandi, no qual "todo discurso se estabelece na relação com um discurso anterior e aponta para outro"⁷⁹.

Considerações Finais

A partir do que foi apresentado acima, podemos perceber que todos os sujeitos são interpelados pela ideologia, assim como Jean Bodin e Jean de Nynauld. Ambos lançam um olhar sobre a licantropia, mas a enxergam de diferentes formas, a partir de suas formações discursivas, sendo sujeitos das ideologias que os interpelam. A oposição do médico ao discurso do jurista, nos demonstra como as ideologias e, por conseguinte, os discursos ideológicos encontram-se sempre em disputa uns com os outros. As refutações são muito comuns nesse período, o próprio Bodin refutou, em um capítulo do tratado estudado, os postulados do médico Johann Wier. Sua crítica se destinou principalmente devido às concepções de Wier acerca da fuga

⁷⁶ Ibidem, p. 461, tradução nossa.

⁷⁷ WALKER, Daniel P. **Spiritual and Demonic Magic**. From Ficino to Campanella. Pensilvânia: The Pennsylvania State University Press, 2000, p. 162.

⁷⁸ Ibidem, p. 154.

⁷⁹ ORLANDI, Eni P. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 2012, p. 62.

momentânea da alma, a qual é defendida como possível pelo jurista francês⁸⁰ e pelas críticas que Wier fez acerca das autoridades poéticas utilizadas pelos demonologistas para afirmar, por exemplo, a veracidade das transformações⁸¹. Para o médico, estas não passariam de fábulas.

Como apresenta a AD, os discursos ganham sentido pois se articulam a determinada formação ideológica dominante naquele dado momento⁸². Sendo assim, encontramos no discurso produzido pelos autores estudados a ideologia cristã que foi marcante na França dos séculos XVI e XVII – período em que ocorrem as guerras religiosas e perseguição daqueles que eram contrários aos preceitos dominantes, movidas pela própria ideologia que citamos – e que, como vimos, se faz presente no discurso produzido por outros escritores.

Além disso, podemos perceber como o discurso religioso do período foi utilizado por diferentes disciplinas, no nosso caso, a medicina e o direito. A religião é um tópico muito importante para os autores, o que provavelmente se deve ao caráter autoritário e ao controle que a mesma exercia frente às produções do período. Como sabemos, o *Index Librorum Prohibitorum* (Índice dos Livros Proibidos), estava repleto de obras que de alguma forma questionaram e ultrapassaram os limites do que era aceitável para a Igreja Católica. Nesse período, segundo Blair⁸³, as guerras de religião aumentaram o horror da incredulidade, e o discurso religioso do período, unido com a ideologia cristã, buscou repreender aqueles que rejeitavam de alguma forma a religião. Entretanto, também é importante frisar que seus postulados não são somente resultado das pressões externas, os escritores acreditavam nas suas teorizações, assim como buscaram que mais pessoas compartilhassem de tais visões.

Por fim, podemos perceber o quão importante pode ser o conceito de ideologia para o entendimento das obras acima citadas, já que as mesmas são permeadas pelos discursos ideológicos. Nesse caso, a Análise de Discurso proposta por Pêcheux e Orlandi, aliada às concepções de Laclau, tornaram-se importantes aliadas para uma melhor compreensão das fontes.

⁸⁰ WAGNER, R. Léon - Le vocabulaire magique de Jean Bodin: dans la démonomanie des sorciers. **Bibliothèque d'Humanisme et Renaissance**, T. 10, 1948, pp. 111.

⁸¹ MCPHAIL, Eric. Jean Bodin and the romance of Demonology. **Análisis. Revista de investigación filosófica**, vol. 4, n.º 2, 2017, pp. 270-1.

⁸² ORLANDI, Eni P. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 2012, p. 63.

⁸³ BLAIR, Ann. **The Theater of Nature. Jean Bodin and Renaissance Science**. New Jersey: Princeton University Press, 1961, p. 22-3.

Referências

Fontes primárias

JEAN DE NYNAULD. **De la lycanthropie, transformation et extase des sorciers**. 1615. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k8706864v.image>. Acesso em: 01 dez 2021.

JEAN BODIN. **De la démonomanie des sorciers**. 1587. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b8626167g/f5.item>. Acesso em: 01 dez 2021.

Bibliografia

BLAIR, Ann. **The Theater of Nature. Jean Bodin and Renaissance Science**. New Jersey: Princeton University Press, 1961.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.

BRASIL, Luciana Leão. Michel Pêcheux e a Teoria da Análise de Discurso: desdobramentos importantes para a compreensão de uma tipologia discursiva. **Linguagem - Estudos e Pesquisas**. Vol. 15, n. 1, 2011, pp. 171-182.

CAMPAGNE, Fabián Alejandro. **Bodin y Maldonado: la demonología como fenómeno de masas en la Francia de las Guerras de Religión**. Buenos Aires: Biblos, 2018.

CLARK, Stuart. **Pensando com Demônios: A Ideia de Bruxaria no Princípio da Europa Moderna**. Tradução de Celso Mauro Paciornik. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais**. São Paulo: Cia das Letras, 1989, p. 143-179.

HANEGRAFF, Wouter J. **Dictionary of Gnosis & Western Esotericism**. Boston: Brill, 2006.

HESPANHA, António Manuel. **Imbecillitas. As bem-aventuranças da inferioridade nas sociedades de Antigo Regime**. São Paulo: Annablume, 2010.

LACLAU, Ernesto. Muerte y resurrección de la teoría de la ideología In: **Los Fundamentos Retóricos de la Sociedad**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2014, p. 21-50.

LLOYD, Howell A. **Jean Bodin 'This pre-eminent man of France'**. An intellectual Biography. UK: Oxford University Press, 2017.

MARINO, Paula Rodríguez; SHTIVELBAND, Ernesto; TERRILES, Ricardo. Ideología, discurso, subjetividad. La reconfiguración de la problemática de la hegemonía en la obra de Ernesto Laclau. **Revista de Filosofía y Teoría Política**, n. 39, 2008, pp. 31-51.

MCPHAIL, Eric. Jean Bodin and the romance of Demonology. **Análisis. Revista de investigación filosófica**, vol. 4, n.º 2, 2017, pp. 265-276.

MULZA, Giovana Eloá Mantovani - De la demonomanie des Sorciers: a caça às bruxas na concepção de Jean Bodin. **Revista Trilhas da História**. Três Lagoas, v.8, nº16, jan-jul, 2019. pp. 211-221.

ORLANDI, Eni P. Michel Pêcheux e a Análise de Discurso. **Estudos da Lingua(gem)**. Vitória da Conquista, n.1, 2005, p. 9-13.

ORLANDI, Eni P. O discurso religioso. In: ORLANDI, Eni P. **A linguagem e o seu funcionamento: as formas do discurso**. Campinas, SP: Pontes, 1987.

ORLANDI, Eni P. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 2012.

OROBITG, Christine. La lycanthropie dans la prose doctrinale du XVIe et du XVIIe siècle espagnol. **Bulletin Hispanique**, Vol. 117, nº 2, dez. 2015, pp. 549-568.

PEARL, Jonathan L. - French Catholic Demonologists and Their Enemies in the Late Sixteenth and Early Seventeenth Centuries. **Church History**, Vol. 52, No. 4, Dez., 1983, pp. 457-467.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso. Uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução Eni Pulcinelli Orlandi. 3 ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP. 1997.

PINILLA, Ricardo. Introdução. **PENSAMIENTO**, vol. 71, núm. 267, 2015, p. 541-542.

WAGNER, R. Léon - Le vocabulaire magique de Jean Bodin: dans la démonomanie des sorciers. **Bibliothèque d'Humanisme et Renaissance**, T. 10 (1948), pp. 95-123

WALKER, Daniel P. **Spiritual and Demonic Magic**. From Ficino to Campanella. Pensilvânia: The Pennsylvania State University Press, 2000.

Recebido em: 13/01/2023

Aprovado em: 05/03/2023